

Sarney frente a frente com a História

JOÃO MELLÃO NETO

"Só há uma forma de não contrariar um tigre. É deixar-se devorar" (pensamento chinês).

Século I a.C., Júlio César, após a marcha vitoriosa sobre a Gália, decide embarcar suas legiões para a conquista da Bretanha. Tão logo as suas galeras atravessam o Canal da Mancha, o general romano toma uma das mais difíceis decisões de sua vida. Altas horas da noite, as tropas são acordadas com a notícia de que as navas estão se incendiando. César mandara queimá-las. Era a única forma de fazer ver aos seus centuriões que, a partir dali, não havia retorno. Ou avançavam e conquistavam a ilha, ou morriam todos na praia.

Ao queimar seus navios, César dominou a Bretanha. Ao atravessar o Rubicão, conquistou o Império Romano. A ousadia de Caio Júlio César, sua coragem de tomar decisões drásticas nos momentos críticos, garantiu-lhe um lugar na História, ao lado de Alexandre e Napoleão. Muitos milhares de generais, através dos séculos, vacilaram na hora de acender a tocha. Outros tantos, ao deparar com seu Rubicão, preferiram pescar às suas margens. A História não se lembra deles. Eram pequenos demais para que suas lentes os alcançassem.

José Sarney, presidente do Brasil, ao alvorecer do 99º ano da República, encontrou o seu momento de decisão. Nos derradeiros metros da pista, ou puxa o manche e decola para a História ou mantém tudo como está e mergulha, para sempre, no mar do esquecimento.

As galerias neo-republicanas já cumpriram sua tarefa de garantir a travessia do canal. Os marinheiros peemedebistas, tão audaciosos na navegação oceânica, provaram de nada adiantar quando os combates se dão em terra firme. Se o co-

mandante Sarney, no momento da decisão, não queimar os seus barcos, jamais consolidará o seu império.

A efetivação de Mailson da Nóbrega representa, simbolicamente, o acendimento da primeira tocha. Depois de três anos de "Ulisses no País das Maravilhas", a economia brasileira volta à rota do pragmatismo e do senso de realidade. O presidente, mais pela estafa do que pela intuição, aprendeu a dura lição de que, em economia, a maior distância entre dois pontos é sempre o atalho. Para todos os problemas existe uma solução clara, simples e inquestionável. Essa solução é justamente a errada. O congelamento de preços não estancou a inflação, os gastos públicos não garantirão o desenvolvimento e a moratória não pôs os credores de joelhos. Ao contrário, a inflação nunca foi tão alta, o desenvolvimento nunca esteve tão comprometido e os banqueiros, devido às nossas minguadas reservas, jamais estiveram tão fortes. Enquanto o governo senta à mesa do FMI, seus titulares detarão no divã do psicanalista e, com as terapias subsequentes, todos descobrirão que a vida é mais salubre em um casebre de alvenaria do que em um castelo de sonhos.

A nau capitânia deve ser queimada sem vacilação. Não se governa com slogans, e sim, com programas. Não basta dizer não à inflação. É preciso que se renegue também os gastos públicos desmesurados, o empreguismo eleiçoetro e o descontrole das estatais.

Não basta dizer não à recessão e ao desemprego. Para evitá-los é necessário fortalecer a iniciativa privada, tirar-lhe as peias do intervencionismo regulamentacionista e desonerá-la dos tributos exorbitantes. A segurança da força de trabalho não se garante com estabilidade no emprego, e sim, com estabilidade na economia.

Não basta dizer não à miséria. É pre-

ciso dizer não, também, aos preconceitos que a envolvem. Como ensinava Lincoln, em sua mensagem aos homens que dirigem o povo; não se fortalece os fracos enfraquecendo os fortes, não se ajuda o assalariado arruinando aquele que o paga.

O presidente Sarney, em seu momento de decisão, deve dizer não a todas as utopias e falácias que o PMDB lhe impôs e que resultaram no fracasso de seu governo e no descrédito de sua figura.

Lincoln que, como César, Napoleão e Alexandre, também subiu ao pódio da História, há 120 anos já conhecia os princípios básicos que glorificam os estadistas, abdicando da popularidade fácil e efêmera em prol das conquistas sociais permanentes e efetivas:

"Não se cria a prosperidade, desestimulando a poupança; não se estimula a fraternidade humana alimentando o ódio de classes; não se evita dificuldades gastando mais do que se ganha; não se cria prosperidade permanente lastreada em dinheiro emprestado; não se fortalece a dignidade humana subtraindo-se ao homem a iniciativa e a liberdade; e, por fim, não se pode ajudar os homens de maneira permanente, fazendo-se por eles aquilo que eles podem e devem fazer por si próprios".

O cidadão José Sarney, escolhido pelo destino para governar o Brasil, vive seu momento decisivo. Está só, no alto da colina, com o vento da História açoitando seu rosto. Tenha quatro ou cinco anos de mandato, a verdade é que ainda há tempo.

Se queimar os seus navios, o futuro lhe fará justiça. Se apagar a tocha que a Providência lhe pôs nas mãos, putrefará para sempre no cemitério do esquecimento.

João Mellão Neto é jornalista e Secretário Municipal da Administração de São Paulo.

ESTADO DE SÃO PAULO 15 JAN 1988